

# AS ARTICULAÇÕES ARGUMENTATIVAS COMO FORMA DE INTERAÇÃO SOCIAL NO FACEBOOK

Carlos Rafael dos Santos PAES (UFPA)<sup>1</sup>  
Maria Domingas Ferreira SALES (UFPA)<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo pretende discutir sobre como se constroem os diálogos estabelecidos a partir de *postagens* de usuários da rede social *Facebook* em seu contexto real de uso, analisando-os como produto discursivo-argumentativo, já que apresentam ponto de vista seguido de defesa do mesmo. Com isso, busca-se lançar um olhar sobre as articulações argumentativas empregadas pelos os usuários do *Facebook* como forma de participação e interação social, bem como observar como o gênero debate se estabelece no ato comunicativo ao utilizar as ferramentas disponibilizadas pela referida rede social. Esta análise implica especificamente destacar alguns recursos linguísticos capazes de possibilitar a progressão do debate através da expressão de opiniões, desejos, repúdio etc., tais como os adjetivos e advérbios – modalizadores em potencial do discurso persuasivo. As bases teóricas utilizadas para as discussões levantadas neste artigo se firmaram sobre fundamentos referentes aos gêneros do discurso e noções sobre interação social e gêneros textuais de Mikhail Bakhtin (1992) e Marcuschi (2002); proposições acerca da argumentação e modalização no discurso argumentativo de Castilho e Castilho (1993) e Ingedore Koch (2000); e noções pertinentes relacionadas ao estudo dos gêneros digitais de Brito e Sampaio (2013) e Almeida (2012). Vale informar que, do percurso metodológico, fazem parte os recortes (em *print screen*) dos debates observados entre setembro de 2013 a janeiro de 2014 que resultaram em figuras, a partir das quais passou-se à transcrição dos trechos em foco.

**Palavras-chave:** Argumentação. Debate. *Facebook*. Interação social. Modalização.

## INTRODUÇÃO

As pessoas necessitam naturalmente compartilhar ideias, informações e interagir com o meio social, desde uma conversa espontânea com amigos a um caloroso debate político. É pela linguagem que nos representamos enquanto seres sociais, é por meio dela que nos comunicamos, veiculamos nossas ideias e interagimos uns com os outros. “Quando nós usamos linguagem, estamos realizando ações individuais e sociais que são manifestações socioculturais, materializadas em gêneros textuais” (DIONÍSIO, 2011 apud ALMEIDA, 2012, p.139)<sup>3</sup>.

A linguagem apresenta um caráter interativo e, como toda atividade comunicativa, é dotada de propósitos, tendo em vista situações e condições, realizando-se mediante práticas discursivas repletas de singularidades e particularidades que as caracterizam e pelas quais as reconhecemos e denominamos. Helena Brandão conceitua a prática discursiva como “toda atividade comunicativa, produtora de sentidos, ou melhor, de efeitos de sentidos, entre interlocutores – sujeitos situados

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves. E-mail: rafa10\_paes@msn.com

<sup>2</sup> Mestre em Estudos Literários e Professora de Ensino Aprendizagem de Língua Portuguesa, Campus Universitário do Marajó Breves. E-mail: domingasfs@yahoo.com

<sup>3</sup> ALMEIDA, Alayres. **Gêneros digitais: a interação no facebook como recurso para o ensino aprendizagem**. Guaranhuns, 2012.

social e historicamente – nas suas relações interacionais” (BRANDÃO, 2004).<sup>4</sup> A interatividade é constituída de uma intenção, de um propósito que são expressos de maneira a influenciar o outro. Nesse sentido, ao colocarmos a língua em uso, estamos argumentando.

Não cabe aqui, apontarmos desvios ou apontarmos o “certo” ou “errado” quanto à argumentação dos internautas, antes disso, procuramos entender como os internautas utilizam seus argumentos para defender seu ponto de vista, através do debate em ambiente digital, neste caso, o *facebook*.

No primeiro momento, abordamos a interação e argumentação como formas de relação como prática social. No momento seguinte, apresentamos as mídias sociais, particularmente as redes sociais e suas respectivas funções no meio social, com ênfase no *facebook*, suporte para a exposição de ideias entre sujeitos usuários da língua. Em seguida, apresentamos uma amostra de dados – debates entre usuários sobre temas variados – coletados especialmente para esta pesquisa com consequente análise de como estes sujeitos utilizam-se da argumentação em suas postagens.

Vale ressaltar que na análise para a qual nos lançamos não prioriza especificamente uma teoria da argumentação, embora tenhamos que fazer uso de terminologias referentes a esta área. Nosso objetivo busca com maior ímpeto mostrar quais os instrumentos linguísticos (modalizadores) são predominantes nos debates que se vão construindo.

## 1. INTERAÇÃO E ARGUMENTAÇÃO: FORMAS DE INTER-RELAÇÃO

Naturalmente, precisamos nos relacionar e conviver com diferentes esferas da sociedade, por isso, é com o uso do texto, seja oral ou escrito, que se estabelece a comunicação. “O discurso se manifesta linguisticamente por meio de textos, isto é, o discurso se materializa sob a forma de texto. É por meio do texto que se pode entender o funcionamento do discurso” (BRANDÃO, 2004).<sup>5</sup>

Através desta compreensão sobre a cultura de uma sociedade e suas linguagens, percebemos a estreita relação que nela se estabelece. “Quando nós usamos linguagem, estamos realizando ações individuais e sociais que são manifestações socioculturais, materializadas em gêneros textuais” (DIONÍSIO, 2011 apud. ALMEIDA, 2012)<sup>6</sup>.

Entende-se, portanto, que as pessoas estão inseridas na sociedade por meio das relações que desenvolvem durante toda sua vida, primeiro no âmbito familiar, em seguida, na comunidade que as identifica, na escola e no trabalho, enfim, as relações que as pessoas desenvolvem e mantêm entre si é que fortalecem a esfera social. A natureza humana, pela imanente necessidade de estabelecer

---

<sup>4</sup>BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Gêneros do discurso: unidade e diversidade**. Revista Polifonia, nº 8 – Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem – Mestrado. Cuiabá, MT: Editora UFMT, 2004.

<sup>5</sup> Idem, ibidem.

<sup>6</sup> ALMEIDA, Alayres. **Gêneros digitais: a interação no facebook como recurso para o ensino aprendizagem**. Guaranhuns, 2012. ANAIS - I Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará - 20, 21 e 22 de fevereiro de 2014. ISSN

relações, estrutura a sociedade em rede, caracterizando-se, assim, por agregar um conjunto de pessoas autônomas, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados.

Com base nisto, vale conceber a interação entre os sujeitos, observando a relação eu/outro:

O eu e o outro são, cada um, um universo de valores. O mesmo mundo, quando correlacionado comigo ou com o outro, recebe valorações diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. E essas diferenças são arquitetonicamente ativas, no sentido de que são constitutivas dos nossos atos (inclusive de nossos enunciados): é na contraposição de valores que os atos concretos se realizam; é no plano dessa contraposição axiológica (é no plano da alteridade, portanto) que cada um orienta seus atos (FARACO, 2009).<sup>7</sup>

A interação, portanto, com o outro no meio social tem um papel fundamental, pois sem o outro “o homem não mergulha no mundo sócio, não penetra na corrente da linguagem, não se desenvolve, não realiza aprendizagens, não ascende às funções psíquicas superiores, não forma a sua consciência” (FREITAS, 1997 apud SOUZA, 2006)<sup>8</sup>, enfim, não consegue se constituir como sujeito.

Cada ser humano possui sua identidade e valores morais. Cabe, então, dizermos que o homem é um ser social e que naturalmente necessita se relacionar. Assim, fica evidente a amplitude das relações dialógicas, conforme propõe Bakhtin:

A compreensão estreita de dialogismo como debate, polêmica ou paródia. Estas são as formas externamente mais óbvias, embora rudimentares, de dialogismo. A confiança na palavra do outro, a recepção reverencial (a palavra de autoridade), o aprendizado, a busca pelo sentido profundo e sua natureza obrigatória, a concordância, suas infinitas gradações e nuances (mas não suas limitações lógicas e restrições puramente referenciais), a estratificação de um significado que se sobrepõe a outro, de uma voz que se sobrepõe a outra voz, fortalecimento por meio da fusão (mas não identificação), a combinação de muitas vozes (um corredor de vozes) que amplia a compreensão, o afastamento para além dos limites do compreendido, e assim por diante (BAKHTIN apud FARACO, 2009).<sup>9</sup>

Com base na perspectiva da relação entre os sujeitos, Faraco (2009) sintetiza que “a interação e a linguagem na interação são fenômenos de alta complexidade por envolverem múltiplos fatores em múltiplas relações”. Dentre essas possibilidades de relacionamentos entre os sujeitos, a argumentação destaca-se como ato subjetivo fundamental para o estabelecimento e progressão dos diálogos.

Desde a retórica dos antigos, a argumentação tem sido um dos modos mais utilizados no processo de persuasão. O conceito de argumentação surge na era clássica com os grandes filósofos da época. A princípio, os argumentos possuíam um caráter mais de inspiração divina e psicológica

---

<sup>7</sup> FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo: As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo, Parábola Editorial, 2009.

<sup>8</sup> SOUZA, Cristian Wagner de. **Polifonia, dialogismo e gêneros: a presença de Bakhtin nas aulas de língua materna**. [s/d]

<sup>9</sup> FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo: As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo, Parábola Editorial, 2009.

que conceitual. Rohden (1995) diz que o método próprio da retórica é o emprego de “entimemas”, que são silogismos com premissas prováveis e frequentes. Seu objeto constitui-se pelo mundo das opiniões, do verossímil, do provável, cuja função não é somente persuadir, mas ver os meios de persuadir em cada caso, reconhecendo o que é, ou não, persuasivo em cada situação. Sua utilidade é facultar que os pleiteantes de uma discussão não sejam vencidos por quem está “em erro” (ROHDEN, 1995)<sup>10</sup>

A persuasão torna-se, portanto, ato necessário quando, nas relações do cotidiano, há necessidade de argumentos para impor determinada opinião. Num debate sobre determinada questão polêmica, por exemplo, receptor e emissor interagem justamente por que pretendem *a priori* defender um ponto de vista ou modo de ver o mundo.

Assim, tendo por base conhecimentos de formas de discursos que envolvem técnicas, estratégias e condições, torna-se mais fácil o contato verbal entre os sujeitos que, ao se posicionarem acerca de algum tema, autodeterminam-se como atores de seus destinos.

ARGUMENTAR<sup>11</sup> é a arte de convencer e persuadir. CONVENCER é saber gerenciar informação, é falar à razão do outro, demonstrando, provando. PERSUADIR é saber gerenciar relação, e falar à emoção do outro. Convencer é construir algo no campo das ideias. Quando convencemos alguém, esse alguém passa a pensar como nós. Persuadir é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir. (ABREU, 2000)<sup>12</sup>

Segundo a autora Sulemi Fabiano (s/d), para que haja argumentação, é necessário que exista uma proposta sobre o mundo que provoque um questionamento em alguém quanto à sua legitimidade. E ainda segundo ela, é preciso que haja pelo menos dois interlocutores: um “sujeito que se engaje em relação a esse questionamento (convicção) e desenvolva um raciocínio para tentar estabelecer uma verdade quanto a essa proposta e outro sujeito que, relacionado com a mesma proposta, questionamento e verdade, constitua-se no alvo da argumentação”. Ou seja, trata-se da pessoa a que se dirige o sujeito que argumenta, na esperança de conduzi-la a compartilhar da mesma verdade (persuasão), sabendo que ela pode aceitar (ficar a favor) ou refutar (ficar contra) a argumentação.

O que nos faz seres com capacidades de desenvolver nossa interação é, entre outros fatores, nossa autonomia em expressar nossos sentimentos, em revelar nossa posição crítica frente à realidade a qual estamos inseridos, o poder de tomar decisões em relação às nossas escolhas e, sobretudo, o fato de expressarmos opiniões diante de um determinado assunto. Assim, um debate surge a priori a partir de temas polêmicos em que dê possibilidades para que haja controvérsias, ou

---

<sup>10</sup> ROHDEN, Luiz. **O poder da linguagem: A arte retórica de Aristóteles**. Síntese Nova Fase. Belo Horizonte, 1995.

<sup>11</sup> Apud FABIANO, Sulemi. (Org.). **A RELAÇÃO DA INFORMATIVIDADE E A SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA**. [UFRN], [s/d].

<sup>12</sup> Idem, *ibidem*, p.25

seja, é necessário que os sujeitos envolvidos num mesmo debate possam ter embasamento sobre o que irá defender.

O debate coloca assim em jogo capacidades fundamentais, tanto do ponto de vista linguístico (técnicas de retomada do discurso do outro, marcas de refutação etc.), cognitivo (capacidade crítica) e social (escuta e respeito pelo outro) como ponto de vista individual (capacidade de se situar, de tomar posição, construção de identidade). (Celestino e Leal, s/d)<sup>13</sup>

Desta forma, tomemos o debate como um gênero de texto, cuja estrutura se estabelece pela participação simultânea de dois ou mais usuários da língua que, utilizando-se do tipo argumentativo, colaboram para a construção de uma unidade discursiva. Assim, o gênero debate, produto predominantemente da modalidade oral da língua, pode se realizar também na forma escrita, pelos meios digitais ou ambiente virtual, como no caso do *facebook*. Mas, como isso se dá? Quais as possibilidades desse meio de interação social? São questionamentos pertinentes que exigem alguns esclarecimentos acerca desses novos suportes da linguagem.

## 2 MÍDIA ELETRÔNICA E OS GÊNEROS DIGITAIS

Desde que a *internet* se popularizou, sobretudo a partir da década de 1990, toda uma geração de jovens cresceu imersa num universo de telas e teclas que afetaram não só as formas de comunicação humana, mas também as instituições sociais de forma mais ampla – proliferam serviços e vendas *on-line*, celulares multimídia, urnas eletrônicas e tantas outras novidades. A *internet (world wide web)* permite a interação virtual de pessoas, informações, áudios, vídeos, *sites*, *home-pages* e toda e qualquer forma de construção textual.

A proliferação de “novos” gêneros certamente está associada aos avanços tecnológicos e à velocidade na comunicação no mundo contemporâneo. A dinamicidade do meio, por interferência ou contaminação, modifica tanto as formas de representar o mundo através das diferentes linguagens – sonoras e visuais – que, numa grande variedade de textos, frequentemente co-ocorrem e interagem. (PINHEIRO, 2002 apud ALMEIDA, 2012, p. 262)<sup>14</sup>.

Não raro, mesmo antes de aprender a ler e a escrever, crianças de poucos anos de idade já manipulam computadores facilmente em busca de jogos e outros atrativos da internet. Crescem interagindo com ela e constituindo-se através desta interação.

É justamente pelas redes sociais que o público jovem vem aderindo e ganhando vários seguidores por seu caráter popular. As redes sociais são meios tecnológicos inovadores que possibilitam a interação e compartilhamento de informações em tempos simultâneos. Com isso, os

---

<sup>13</sup> DOLZ, PIETRO E SCHNEUWLY, 2004 apud CELESTINO E LEAL, [s/d].

<sup>14</sup> ALMEIDA, Alayres. **Gêneros digitais: a interação no facebook como recurso para o ensino aprendizagem**. Guaranhuns, 2012.

usuários desses meios podem utilizar de várias ferramentas tecnológicas, dentre elas: fotos, vídeos, aplicativos, games – uma infinidade de instrumentos que permitem um avanço na construção da interação entre os participantes das redes sociais.

As redes sociais são várias, diante disso apresentamos através de Silva (2010) algumas delas e suas especificidades como o *Twitter* (microblogging que permite envio de mensagens de texto de até 140 caracteres a partir da pergunta “O que você está fazendo”), *MySpace* (espaço sobretudo de divulgação musical), o *Facebook* (que permite acrescentar aplicativos, como jogos, ferramentas etc.), o *YouTube* (divulgação de vídeos), o *Second Life* (jogo de realidade virtual), o *Flickr* (publicação de fotos e vídeos), o *Orkut* (para construção de perfis e reunião de amigos), o *Plurk* (semelhante ao *twitter*, pois permite envio de textos com 140 caracteres), dentre outros.<sup>15</sup>

A rede social é um sistema operacional usado em toda parte do mundo, integrando culturas de vários povos. Trata-se de uma inovação no contexto informacional que incorpora uma nova linguagem nos seus modos de interação. Nesse sentido:

Redes sociais representam um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados. A questão central das redes é a valorização dos elos informais e das relações, em detrimento das estruturas hierárquicas. As redes sociais são exatamente as relações entre os indivíduos na comunicação mediada por computador (CARDOZO, 2008 apud SILVA, 2010, p. 7).<sup>16</sup>

É importante salientar o fato de os usuários serem os protagonistas, ou seja, os atores nas redes sociais, pois, grosso modo, dão “vida” às redes sociais. Diante dessa perspectiva, reiteremos a noção de gêneros como “formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sentidos” (MARCUSCHI, 2006 apud ALMEIDA, 2012, p. 25). Tal flexibilidade torna-se ainda mais frequente quando os meios de produção fornecem formas diversas de estruturação do discurso, conforme propõem BRITO e SAMPAIO (2013) quando defendem que com o aparecimento do ciberespaço, a linguagem – objeto das manifestações comunicativas – sofreu variações de usos, tornando-se mais dinâmica, versátil, atrativa e flexível a depender do suporte material de veiculação.<sup>17</sup>

Assim, com o surgimento das novas mídias eletrônicas emergem novos conceitos que revelam uma dinamicidade na sua construção no ato comunicativo e interacional, ou seja, os gêneros são definidos como parte de fenômenos sociais e históricos, pois surgem de mudanças institucionais, novas exigências, formas de uso e tecnologias.

Marcuschi [1999] sintetiza a origem dos gêneros digitais em paralelo aos avanços dos meios tecnológicos digitais de informação e interação:

---

<sup>15</sup> SILVA, Fernando Moreno da. **Novas mídias: leitura e produção textual**. Revista Odisseia. UFRN, 2010.

<sup>16</sup> Fonte completa

<sup>17</sup> BRITO, Francisca; SAMPAIO, Maria. **Gênero digital: a multimodalidade ressignificando o ler/escrever**. Santa Cruz do Sul, 2013.

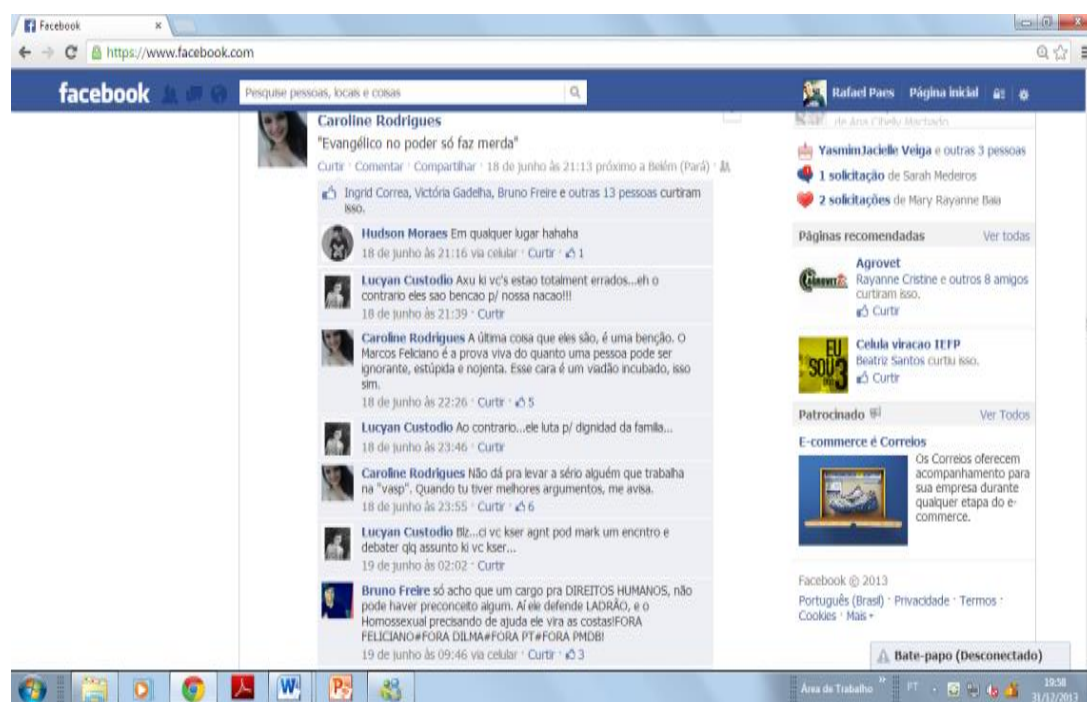
ANAIS - I Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará - 20, 21 e 22 de fevereiro de 2014. ISSN

Esses gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com um certo hibridismo que desafia as relações entre oralidade e escrita e inviabiliza de forma definitiva a velha visão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino de língua. Esses gêneros também permitem observar a maior integração entre os vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento. (MARCUSCHI, 1999, p...) <sup>18</sup>

Poderíamos arrolar aqui uma série de novos gêneros oriundos das tecnologias contemporâneas, elencando seus traços mais comuns ou apontando forma de uso e aplicação pedagógica. No entanto, é preciso cumprir o objetivo principal deste artigo que é dar enfoque ao discurso argumentativo no ambiente virtual, o qual se torna parte constitutiva dos debates provocados pelas postagens que inferem certa polêmica social.

Desta forma, partindo do conceito de que o *facebook* é um espaço de interação em que os internautas estão sujeitos a compartilhar informações, postar fotos, vídeos, e utilizar links de outras mídias sociais para expor uma ideia ou acontecimentos que perpassam o mundo, é interessante perceber o gênero debate nas postagens ou até mesmo em grupos criados pelos internautas que, na maioria das vezes, acontecem em razão de assuntos de temas polêmicos ou até mesmo assuntos cotidianos, conforme observamos na postagem:

Figura 1- *Print screen* de postagem no facebook- 2013<sup>19</sup>



Fonte: Postagem *Facebook*, 18-06-2013- página pessoal Rafael Paes.

<sup>18</sup> MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** [S.l.], [1999].

<sup>19</sup> Postagem publicada no dia 18 de Junho de 2013, com coleta no dia 31 de dezembro de 2013, às 19 horas, conforme se depreende na data do *print*.

Na maioria dos casos, o debate se estende para além de dois interlocutores que, ao postarem suas impressões e opiniões sobre determinado tema, contribuem quase que simultaneamente para o gerenciamento da interação, como uma verdadeira teia de pessoas interligadas através de assuntos que lhes interessam. Por isso, nosso ponto de partida, é compreender de que maneira se constrói o debate no facebook, a partir dos modalizadores argumentativos.

No recorte acima (figura 1) notificamos dezesseis (16) participantes na conversa. Sete (7) usuários se manifestaram a favor da postagem inicial, seis (6) usuários se manifestaram contra o comentário e três (3) usuários permaneceram imparciais. A postagem geradora do debate circunda um tema evidentemente polêmico, como as questões político-religiosas: “*Evangélico no poder só faz merda*”. No momento em que o usuário do *facebook* se depara com tal afirmação e decide expressar opinião favorável ou contrária à questão expressa, torna-se sujeito participante, construtor de uma unidade discursiva.

É muito fácil entender como acontece a aceitação ou não de uma ideia expressa. Mas o que pretendemos destacar aqui são os mecanismos linguísticos capazes de movimentar um debate virtual, sem a presença viva dos participantes.

Por isso, nosso ponto de partida, é compreender de que maneira se constrói o debate e quais os recursos linguísticos empregados que geraram a reação dos interlocutores no debate – pilar do discurso argumentativo.

### **3 ARGUMENTAÇÃO EM REDE: *CURTIR, COMPARTILHAR, COMENTAR***

Quando nós expomos argumentos, utilizamos ações ideológicas que pretendem persuadir ou manipular o outro, a partir de bases favoráveis a tal argumentação. Segundo Weston (1996), “argumentar não é apenas a afirmação de determinado ponto de vista nem uma discussão. Os argumentos são tentativas de sustentar certos pontos de vista com razões”. Partindo desta proposição, o autor propõe alguns princípios fundamentais que regem o modelo ideal de argumentação: ser fidedigno, ser coerente, não ser tendencioso, usar linguagem precisa, específica e concreta, limitar-se apenas em um sentido de um termo (WESTON, 1996)

Em se tratando do contexto argumentativo, o facebook propicia ao internauta várias possibilidades de interagir. O recurso *curtir*, por exemplo, permite ao usuário a condição de participar indiretamente de algum assunto seja em uma foto, vídeo ou comentário. Se ele curte algo que foi publicado, entende-se que tal conteúdo lhe tem significado proveitoso. Outro recurso que é bastante usado nesta rede social é o *compartilhar*, que disponibiliza ao internauta interagir/divulgar *links* de outras mídias sociais ou até mesmo de sua *home page* com assuntos que lhe são de



interesses próprios. E o recurso *comentar*, que é justamente onde se localizam, mais diretamente, as opiniões sobre algo que chamou atenção, seja em postagens, fotos, ou vídeos.

### 3.1 ESTRATÉGIAS DE MODALIZAÇÃO

Os internautas que participam em um debate no *facebook* utilizam vários recursos linguísticos em prol da sua defesa, entre eles, os modalizadores exercem papel fundamental, pois, tal qual proposto por Castilho e Castilho, a “modalização é um fenômeno da Linguagem que expressa um julgamento do falante sobre o conteúdo proposicional” (CASTILHO & CASTILHO apud ERIVALDO e GONÇALVES, 2011).

A modalização é a maneira como o enunciador se expressa em relação ao conteúdo da frase, ao grau de verdade existente nela, ou em relação a quem o enunciado se destina. Segundo Castilho e Castilho (apud ERIVALDO; GONÇALVES, 2011), os modalizadores se dividem em três grandes grupos:

TABELA 1- Quadro sinóptico sobre os modalizadores

Modalizador Deontico	Expressa uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição. Ex: obrigatoriamente, necessariamente, etc.
Modalizador Epistêmico	Indica que o falante considera o conteúdo de X como um estado de coisas que deve, que precisa ocorrer obrigatoriamente.
Modalizador Afetivo	Verbaliza as reações emotivas do falante em face do conteúdo proposicional, deixando de lado quaisquer considerações de caráter epistêmico ou deontico.

Fonte: ERIVALDO e GONÇALVES 2011. – Adaptado pelo autor.

Segundo o autor, a modalização epistêmica divide-se em três modos e seus subtipos, conforme as tabelas abaixo:

TABELA 2 – Quadro sinóptico – Modalização Epistêmica

Modalização Epistêmica	Asseverativa	Indica que o falante considera verdadeiro o conteúdo de X	Ex: claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo.
	Quase-asseverativa	Indica que o falante considera o conteúdo de X quase certo	Ex: talvez, assim, possivelmente, provavelmente, eventualmente.
	Delimitadores	Estabelece o limite dos quais se deve encarar o conteúdo de X	Ex: quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente.

Fonte: ERIVALDO e GONÇALVES 2011 – Adaptado pelo autor.

A modalização afetiva divide-se em dois tipos:

TABELA 3 – Quadro sinóptico – Modalização Afetiva

Modalização Afetiva	Subjetivos	Expressa uma predicação dupla, a do falante em face de X e a da própria proposição.	Ex: Felizmente, infelizmente, curiosamente, espantosamente, surpreendentemente, etc.
	Intersubjetivos	Expressa uma predicação simples, assumida pelo falante em face de seu interlocutor, a propósito de X.	Ex: Sinceramente, estranhamente, francamente, lamentavelmente, etc.

Fonte: ERIVALDO e GONÇALVES 2011 – Adaptado pelo autor.

Para que um debate aconteça, portanto, torna-se necessário que os participantes utilizem vários recursos linguísticos que norteiam um discurso argumentativo, por isso, mencionaremos alguns desses recursos utilizados pelos internautas nos recortes assinalados.

A) Uso de adjetivos:

*O Marcos Feliciano é a prova viva de como uma pessoa pode ser ignorante, estúpida e nojenta.*

B) Uso de termos da linguagem chula ou vulgar:

*Os evangélicos são escrotos. Não se garantem nas próprias crenças e aí ficam perseguindo as religiões dos outros. e as opções sexuais de cada um! O que eles tem com isso?*

C) Uso de ironia:

*Não dá pra levar a sério alguém que trabalha na “vasp”. Quando tu tiveres melhores argumentos, me avisa*

D) Uso de advérbios:

*Axu ki vc´s estão totalment errados... eh o contrario eles são benção p/ nossa nação!!!*

Os exemplos acima apenas reforçam a variedade de modalizadores utilizados na defesa de uma ideia. Entretanto, para a análise que nos propusemos realizar, daremos destaque apenas aos advérbios e adjetivos por constituírem modalizadores fundamentais para a construção de uma opinião em um debate e muito mais pela frequência de seu uso.

Assim, na análise que segue, mostraremos as ocorrências desses modalizadores e a reação dos participantes diante do conteúdo expresso, atentando para os efeitos de sentido provocados pelo uso dos mesmos na expressão de opiniões e/ou argumentos.

## 3.2 ANÁLISE DOS DADOS

Figura 2- Print screen de postagem - - 2013<sup>20</sup>



Fonte: Página pessoal de Rafael Paes

Para não dispensarmos o recorte já citado, utilizá-lo-emos nas proposições seguintes em que teorizamos sobre os modalizadores como construtores do discurso argumentativo, utilizando as terminologias propostas por Weston conforme os quadros anteriormente transcritos. Partindo das tipologias propostas por Weston (1996), enquadraremos esta publicação como “argumentação autoritária”, a qual faz uso de uma “ideologia sem base teórica nenhuma”.

Observemos alguns pontos do debate:

**Participante A:** *Axu ki vc's estão totalment errados... eh o contrario eles são benção p/ nossa nação!!!*

**Participante B:** *A última coisa que eles são, é uma benção. Marcos Feliciano é uma prova viva do quanto uma pessoa pode ser ignorante, estúpida e nojenta. Esse cara é um viadão incubado, isso sim.*

**Participante A:** *Ao contrario... ele luta p/ dignidad da familia...*

**Participante B:** *Não dá pra levar a sério alguém que trabalha na “vasp”. Quando tu tiveres melhores argumentos, me avisa.*

<sup>20</sup> Postagem publicada no dia 18 de Junho de 2013, com coleta no dia 31 de dezembro de 2013, às 19 horas, conforme se depreende na data do *print*.

A participante A declara ser contra a postagem publicada que utiliza a expressão *totalmente* para evidenciar sua opinião. Nesse sentido, podemos observar que ela utiliza do modalizador asseverativo afirmativo. Já a participante B, utiliza da expressão *última coisa* para contra argumentar ou um “modalizador asseverativo negativo” de acordo com a classificação de Castilho e Castilho.

Figura 3- Print screen de postagem – “Manifestante é estuprada”<sup>21</sup>



Fonte: Página pessoal do *Facebook* - Rafael Paes.

O que se pode notar na postagem acima é uma argumentação contra uma notícia do Jornal *O tempo* com a respectiva manchete: “Manifestante é estuprada durante ocupação da Câmara Municipal de Belo Horizonte”. Abaixo da manchete, a postagem assim transcrita: *é inacreditável a quantidade de comentários machistas no post da página Black Block Brasil que compartilha esta notícia, e também o teor desses comentários. Inacreditável e assustador. Todo o roteiro de minimizar o estupro, culpar a vítima, questionar sua versão, fazer piadas estúpidas, alegar que é “só uma opinião”, etc. é seguido à risca. É por esses comentários que a notícia não surpreende, infelizmente.*

*Inacreditável* e *assustador* são caracterizadores que expressam de forma veemente uma opinião contrária. O advérbio *infelizmente* expressa decepção, ou seja, demarca uma modalização do tipo subjetiva, que se estabelece pela predicação dupla: a face do falante diante da postagem comentada e diante do próprio comentário construído.

Nesta postagem houve seis comentários a favor e nenhum contra: a argumentação construída se deu pela defesa reiterada de um ponto de vista sobre o fato noticiado.

<sup>21</sup> Postagem publicada no dia 18 de Junho de 2013, com coleta no dia 31 de dezembro de 2013, às 19 horas, conforme se depreende na data do *print*.

Figura 4- Print screen de postagem – “Cultos afro-brasileiros”<sup>22</sup>



Fonte: Página pessoal do *Facebook* - Rafael Paes.

O *post* acima foi alvo de polêmicas entre os usuários do *facebook*. A partir da publicação em defesa dos “cultos afro-brasileiros” e contra a “perseguição evangélica”, os participantes se lançaram a um debate extenso a respeito do tema. Vejamos alguns comentários:

**Participante A:** *Deus deus livre arbítrio ao homem, mas disse só há dois caminhos, Jesus o caminho que leva para o Céu. O outro o caminho largo que pode ser fazer de tudo nessa vida, que leva ao inferno. O largo sempre é o mais escolhido. Pq nenguem quer obedecer a Bíblia a Santa palavra de Deus...!*

**Participante B:** *Isso e uma vergonha... a palavra de deus não ensina isso...*

**Participante C:** *Vem cá, participante A, vc disse isso pq pensa que as religiões afro-brasileiras estão no caminho largo?*

**Participante D:** *o post é muito coerente. Pois tanto evangélicos e católicos são muito justos em determinar que a macumba, os orixás, o candomblé, a umbanda etc são coisas do diabo. E só o que é de Jesus, e da Bíblia é o bom. É muito fácil ser do diabo quando a crença é de outro. A nossa sempre é a divina e a correta.*

**Participante E:** *Pelo que vejo aqui, o preconceito é geral. Como isso pode acabar um dia?*

**Participante F:** *... Art.5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e a propriedade, nos termos seguintes:*

Figura 5- Print screen de postagem – “Participante do BBB”<sup>23</sup>

<sup>22</sup> Postagem publicada no dia 18 de Junho de 2013, com coleta no dia 31 de dezembro de 2013, às 19 horas, conforme se depreende na data do *print*.



Fonte: Página pessoal do *Facebook* - Rafael Paes.

Do *post* acima, transcrevemos uma parte do debate gerado pela declaração sobre a “participante do BBB”.

**Participante A:** *Essa frouxa mora e ainda sacanea.*

**Participante B:** *O meu maior orgulho é ter nascido na minha terra e ser paraense... amo minha cultura ser pobre de espirito ser preto e hulmide e andar pelas ruas de belem... agora eu pergunto pra essa vagabunda pra onde foi o estudo que ele teve e não tenho*

**Participante C:** *Mas ela falou alguma mentira? Moramos no fim do mundo.*

**Participante D:** *Mal de paraense tapar o sol com a peneira.*

**Participante E:** *So acho que quem nao gosta de morar aqui trabalhe, junte seu dinheiro e vá embora pois gente falando mal de Belém já tem aos montes.*

**Participante F:** *Moramos no fim do mundo. Esse cara é um hipócrita que disse isso. Tanta blz... agora me diz onde é melhor morar? Seu praticante C?*

**Participante C:** *Antes de me chamar de hipócrita é preciso me conhecer, participante F, Nasci, fui criado e moro aqui, portanto, posso falar da minha terra da forma que entender. Assim como você e qualquer pessoa, tenho direito de ter minha opinião. Infelizmente, vivemos sim no fim do mundo ou é possível dizer que vivemos em um lugar desenvolvido, com segurança, saúde e tudo mais que a constituição prevê? Quanto papo furado. Eu gostaria muito em dizer que vivemos em lugar que sempre foi bem cuidado pelos cidadãos e políticos, mas isto está muito longe de acontecer. E, provavelmente, muitas pessoas que aqui moram, se tivessem oportunidade iriam embora... e não é nenhum pecado fazer isso! Pelo contrário, temos que procurar o que é melhor na medida das nossas possibilidades. Agora, só pq não se pode ir embora daqui, não quer dizer que temos que dizer que vivemos em um bom lugar! Isso sim seria hipocrisia.*

---

<sup>23</sup> Postagem publicada no dia 18 de Junho de 2013, com coleta no dia 31 de dezembro de 2013, às 19 horas, conforme se depreende na data do *print*.

**Participante F:** *Então vc continua sendo infeliz no seu argumento, sabemos que o Brasil ta numa situação critica em vários fatores, mas é a gente que tem que fazer diferença... esse estado é maravilhoso perto de muitos... e tenho direito de criticar sim...*

**Participante C:** *Infeliz é você por pensar que se faz a diferença em falar que vivemos em um estado maravilhoso. O Pará é rico sim, mas muito explorado pelas leis que lhes foram impostas e pouco beneficiado pelas empresas que aqui se estabeleceram. Fazer diferença não é dourar a pílula. É encarar a realidade de acordo como ela é e mudar o que for possível. O fato é que precisamos tanto de investimentos que nem em 10 anos de crescimento ordenado teríamos um panorama favorável. Vivemos em um estado de pessoas miseráveis, onde não há acesso a cultura, a educação, a segurança, a saúde, a nada. O interior é um paupérrimo. Queria muito que fosse diferente, mas não é.*

Percebemos que o participante C sai em defesa de sua declaração inicial: exemplifica, refuta e retoma ideias, organiza seu comentário, em que a modalização é percebida através de várias formas: expressões irônicas, conectivos adversativos, termos chulos. Entretanto, chamemos a atenção para o uso de expressões ou pares nominais, em que se nota a presença tanto do adjetivo como do advérbio: *infeliz, infelizmente, provavelmente, estado maravilhoso, muito explorado, pouco beneficiado, panorama favorável, pessoas miseráveis...*

A sustentação da declaração de que “moramos no fim do mundo” – metáfora bastante incisiva – levou o participante C a fazer uso de uma série de recursos para defender e reiterar tal ideia, entre os quais destacamos a utilização dos marcadores de opinião, tais como os adjetivos e advérbios.

Poderíamos ainda nos lançar, através da observação dos debates usados como exemplo nesta breve análise, na busca de outras expressões como os modalizadores “asseverativos” ou “intersubjetivos” como reflexão acerca dos efeitos de sentido de tais usos. Entretanto, esta tarefa – pela sua pertinência e importância nos estudos da língua – deverá constituir parte de outra pesquisa, sem desconsiderar, é claro, a sua ampla ligação (como vimos) com os estudos sobre os gêneros textuais e o ensino.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das análises observadas nas postagens do *feed* notícia, observamos que os debates vão se alimentando de ideias e que é por meio de palavras que o sujeito se impõe enquanto ser no mundo.

Ao defender, criticar, denunciar, elogiar etc., os participantes de um debate garantem a solidez do discurso, fomentam a utilização do gênero como ferramenta utilizada não apenas como a arma principal da expressão, mas também como instrumento de trabalho de linguistas e professores.

Perscrutar os modos de construção de um debate é muito mais do que perceber as possibilidades de opinar, persuadir, questionar acerca de um tema. Os debates vem repletos de usos comuns da língua, com seus vícios e estilos. É o *locus* do “ser” e do “estar”, na medida em que dá poderes aos usuários de expressar-se sobre qualquer questão, é como dizer: “eu estou aqui e penso isto”. Através do debate, podemos perceber a consistência do discurso persuasivo em alguns comentários ou, ao contrário, a pobreza de argumentos pela ausência da palavra exata.

Fica bem claro que com o avanço das novas mídias digitais, surgem novas ferramentas de interação, ou seja, novos gêneros, enquanto outros vão lentamente desaparecendo. Por isso, nós, estudiosos da linguagem, professores da educação básica, devemos direcionar todo esse aparato tecnológico para fins educativos e criar contextos práticos para a circulação desses meios em nossa sala de aula, uma vez que a maioria das aulas de língua portuguesa, aos modos tradicionais, ainda é voltada para análise de estruturas isoladas em contextos artificiais.

Desta forma, o *facebook* e outras redes sociais podem ser boas ferramentas pedagógicas para a observação e reflexão sobre os usos da língua, na medida em que, ao fazer a “transposição” de um gênero como o debate virtual, por exemplo, o professor questionará não apenas a mensagem verbal, mas também chamará atenção para os aspectos pragmáticos, como o contexto situacional, suportes e outros – e isto parece muito acessível e atraente para uma clientela de adolescentes e jovens movidos pelas novas tecnologias.

Por outro lado, tratar sobre elementos modalizadores neste artigo é apenas uma forma de mostrar como podemos transformar uma aula seca e descontextualizada sobre adjetivos e advérbios em boas e novas oportunidades de observação e uso da língua. O debate virtual, portanto, se transposto para a sala de aula como ferramenta de trabalho, tornará a aula interativa e dinâmica, através da qual o aluno poderá perceber os meios e modos de dizer, opinar sobre os temas e desenvolver as competências necessárias para tornar-se um sujeito no mundo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alayres. **Gêneros digitais: a interação no facebook como recurso para o ensino aprendizagem**. Guaranhuns, 2012. Disponível em: <<http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2012/AlayresAlmeida-Generosdigitais.pdf>> Acesso em: 26 de Setembro de 2013



BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Gêneros do discurso: unidade e diversidade**. UFMT, [2004]. Disponível em: < <http://www.fflch.usp.br/dlcvlport/pdf/brand002.pdf>>. Acesso em: 16 de Janeiro de 2014

BRITO, Francisca; SAMPAIO, Maria. **Gênero digital: a multimodalidade ressignificando o ler/escrever**. Santa Cruz do Sul, 2013.

CELESTINO, Rafaela Soares; LEAL, Telma Ferraz. **O debate como objeto de ensino: interdisciplinaridade e desenvolvimento de habilidades argumentativas**. UFPE, [s/d].

Disponível

em:<[http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao\\_pedagogia/pdf/2007.2/o%20debate%20como%20objeto%20de%20ensino%20interdisciplinaridade%20e%20desenvolvimento%20de%20habilidades%20argumentativas.pdf](http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2007.2/o%20debate%20como%20objeto%20de%20ensino%20interdisciplinaridade%20e%20desenvolvimento%20de%20habilidades%20argumentativas.pdf)>. Acesso em 15 de Dezembro de 2013

ERIVALDO, Pereira do Nascimento; GONÇALVES, Kátia Regina de Almeida. **A modalização como estratégia semântico-argumentativa no gênero textual/discursivo Memorando**. Revista Via Litterae. Anápolis, 2011. Disponível em: <[www.unucseh.ueg.br/vialitterae](http://www.unucseh.ueg.br/vialitterae)> Acessado em: 16 de dezembro de 2013.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo: As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo, Parábola Editorial, 2009.

SILVA, Fernando Moreno da. **Novas mídias: leitura e produção textual**. Revista Odisseia. UFRN, 2010. Disponível em:< <http://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/viewFile/2027/1462>> Acesso em:28 de Setembro de 2013.

SILVA, Sebastião; GERMANO, Glênia; COSTA, Priscila. **A relação da informatividade e a sequência argumentativa**. UFRN, [s/d]. Disponível em <<http://www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT15/ARTIGO%20SEMANA%20DE%20HUMANIDADES%20GRUPO%20DO%20CARLINHOS%281%29.pdf>>. Acesso em: 30 de Dezembro de 2013.

SOUZA, Cristian Wagner de. **Polifonia, dialogismo e gêneros: a presença de Bakhtin nas aulas de língua materna**. [S/l], [s/d] Disponível em <[http://unifia.edu.br/revista\\_eletronica/revistas/educacao\\_foco/artigos/ano2011/polifonia](http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/educacao_foco/artigos/ano2011/polifonia)> Acesso em: 20 de Janeiro de 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. [S.l.]. [1999]. <[http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/133018/mod\\_resource/content/3/Art\\_Marcuschi\\_G%C3%A0neros\\_textuais\\_defini%C3%A7%C3%B5es\\_funcionalidade.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcuschi_G%C3%A0neros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf)> Aceso em: 30 de Novembro de 2013.

RODRIGUES, Gisele dos Santos. **Novas tecnologias, letramentos e gêneros textuais digitais: interatividade no ensino de línguas**. FACINTER, [s/d]. Disponível em: <[http://www.uniritter.edu.br/eventos/sepesq/vi\\_sepesq/arquivosPDF/27582/2335/com\\_identificacao/artigo\\_autor.pdf](http://www.uniritter.edu.br/eventos/sepesq/vi_sepesq/arquivosPDF/27582/2335/com_identificacao/artigo_autor.pdf)>. Acesso em: 04 de Janeiro de 2014

ROHDEN, Luiz. **O poder da linguagem: A arte retórica de Aristóteles**. Síntese Nova Fase. Belo Horizonte, 1995. Disponível em: <<http://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/viewFile/1099/1509>> Acesso: 15 de janeiro de 2014.

FABIANO, Sulemi. (Org.). **A RELAÇÃO DA INFORMATIVIDADE E A SEQUÊNCIA ARGUMENTATIVA.** [UFRN], [s/d].

SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim. **O oral como texto: como construir um objeto de ensino.** In: ROJO, Roxane & CORDEIRO, Gláís (trad, e org.). Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004, p 149-182.

WESTON, Antony. **A arte de argumentar.** Tradução de Desiderio Murcho, Lisboa, 1996.